

A TECNOLOGIA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA

Amós Santos Silva (Autor); Dra. Marta Lúcia de Souza Celino (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

amos.santos.silva@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

martacelino@gmail.com

Resumo: O ensino de Língua Inglesa, quando está sincronizado com a realidade social do aluno, facilita a inserção dos discentes às práticas sociais em que exigem conhecimento de língua estrangeira. A inserção dos gêneros textuais e digitais têm ganhado espaço nas orientações pedagógicas sugeridas em documentos oficiais como nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM (BRASIL, 2006) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998). Investidos dessa teorização focamos nosso trabalho na inserção de gêneros textuais digitais na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Assim, o objetivo geral da nossa pesquisa foi analisar uma experiência de ensino (estágio) focada no uso de uma sequência didática, junto a estudantes da EJA, de uma escola pública de Campina Grande. Como objetivos específicos, buscamos analisar as dificuldades na leitura dos textos de língua inglesa, em especial os que circulam do meio virtual, por parte dos discentes e intervir com a sequência didática, buscando minimizar as dificuldades de leitura. Para isso, abordamos os resultados de algumas atividades realizadas através da sequência didática e analisamos as possíveis progressões da habilidade de leitura dos discentes. Nossa sequência foi desenvolvida através do estágio supervisionado II, que aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lions Prata, na Cidade de Campina Grande-PB. Nossas aulas foram desenvolvidas na turma do 6º ano, modalidade EJA. Como subsídio teórico, além dos –documentos oficiais citados nos respaldamos em autores como Freire (1989) Holden (2009), Marcuschi (2004/2008), entre outros.

Palavras-chave: Tecnologia, Gênero textual digital, Língua Inglesa, EJA.

Introdução

Nos valem da experiência do estágio curricular obrigatório para realizar o presente estudo, o qual foi desenvolvido em meio ao período de Estágio Supervisionado II, na turma do 6º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos-EJA. As observações realizadas durante a fase inicial do estágio influenciaram a escolha do tema, culminando na organização de uma sequência didática desenvolvida a partir das necessidades da turma.

Partimos do princípio que os alunos que frequentam esta modalidade de ensino precisam de maior atenção por parte do sistema educacional, face às trajetórias de exclusão a que são submetidos cotidianamente, e também de um ensino que os atraia e eleve a sua autoestima, recuperando assim a empolgação em aprender, principalmente, quando se trata do ensino de uma língua estrangeira, em que eles, ~~em suma,~~ ainda não reconhecem a importância de da mesma em suas práticas sociais.

Freire (1989) salienta que ao ensinar a ler, mais do que alfabetizar, o professor ensina, dentre outras coisas, a estabelecer relações entre o

(83) 3322.3222

contato@enid.com.br

www.enid.com.br

texto e contexto, entre palavras e mundos. Através dessa concepção, entendemos a importância do aluno ter a consciência de que ele já possui uma carga de conhecimentos e o fato dele não saber decifrar códigos e escrever habilmente, não significa que ele é alguém obsoleto, e sim indica que há a necessidade dele ampliar sua visão de mundo através de uma série de atividades que objetivam o seu crescimento intelectual, assim como o desenvolvimento de suas habilidades de leitura e, conseqüentemente, de escrita.

No tocante a prática de leitura de textos de língua inglesa, percebe-se a insuficiência dos alunos, principalmente estudantes do 6º ano EJA, em dominar a arte de ler e interpretar. Sobre essa problemática as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN) enfatizam:

Em muitas décadas de estudos sobre leitura, surpreendem os resultados que indicam ainda insuficiência na compreensão de textos. Esses resultados suscitam algumas reflexões e ponderações. Uma delas refere-se à hipótese de que os alunos poderiam ter obtido resultados piores, se não fosse pelos trabalhos de leitura que há décadas se desenvolvem no ensino fundamental e no ensino médio brasileiros. Uma outra hipótese remete a uma antiga questão, a da distância entre o idealizado (pelas teorias) e o realizado (pelas práticas) na educação brasileira. Há, ainda, uma terceira (e provavelmente outras) que indaga sobre os parâmetros avaliativos utilizados por uma organização internacional, tendo em vista a amplitude das diversidades cultural e social – e da complexidade nessas diversidades – de sociedades tão diferentes, conforme o programa focalizado visa a alcançar. (OCEN, 2006, p.112)

Percebemos que, em torno da insuficiência da leitura, se encontram práticas pedagógicas que supostamente desconsideram a realidade social do aluno, fazendo com que a língua inglesa perca sua funcionalidade e seu papel de servir como meio do aluno exercer seu lado cultural e crítico de linguagem, dificultando a compreensão que o indivíduo possa exercer sobre o texto. Para o aprimoramento dessas habilidades de leitura, apontamos aqui algumas sugestões das OCEN.

[...] que o planejamento de curso para as aulas de Línguas Estrangeiras tenha, como ponto de partida, temas. O desenvolvimento das habilidades deve, então, ser pensado a partir deles. Sugestões de temas: cidadania, diversidade, igualdade, justiça social, dependência/ interdependência, conflitos, valores, diferenças regionais/nacionais. (OCEN, 2016, p.122)

A proposta de tematização dos conteúdos de ensino de língua inglesa englobando temas, propicia o contato do discente com contextos sociais que vão além de vocabulários, palavras e letras, estimulando assim a autonomia do pensamento crítico do discente sobre várias situações do seu cotidiano. No entanto, é possível enriquecermos o conhecimento prévio de leitura do aluno através de um ensino que proporcionará a integração deles com o mundo virtual, tornando-os protagonistas no ensino através do uso da tecnologia.

Fundamentados nos princípios e diretrizes citadas, nos propusemos analisar a experiência de ensino (estágio) focada no uso de uma

sequência didática, junto a estudantes da EJA, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lions Prata, em Campina Grande-PB. De modo, buscamos: a) analisar as dificuldades na leitura dos textos de língua inglesa, em especial os que circulam do meio virtual, por parte dos discentes; b) propor uma sequência didática que permitisse minimizar as dificuldades de leitura; e c) analisar o impacto da sequência didática na aprendizagem dos alunos.

Metodologia

Metodologicamente, este trabalho é de cunho qualitativo e foi desenvolvido com características da pesquisa-ação que se define na estreita associação com uma ação e resolução de um problema no qual os pesquisadores e os participantes da realidade estão envolvidos.

Os caminhos percorridos foram partilhados em etapas. Na primeira houve a revisão bibliográfica, pela qual analisamos a importância da abordagem dos gêneros que circulam no mundo virtual como fonte de ensino de língua inglesa; elaboramos o planejamento da sequência didática e, conseqüentemente, aplicamos a sequência didática e, por fim, analisamos as contribuições e avanços na leitura dos discentes que participaram das aulas que englobaram o mundo virtual. O tipo de pesquisa que predominou em nosso trabalho está em torno em experiências e práticas de ensino e aprendizagem, no qual buscamos a transformação da realidade social de determinado grupo, especificamente no objetivo de revigorarmos a capacidade crítica e leitora dos alunos do 6º ano EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lions Prata, localizada na Rua Quirino, Bairro Catolé da cidade de Campina Grande-PB. Para tal, realizamos uma sequência didática pautada na teoria das estratégias de leitura de Holden (2009), como: *palavras cognatas, falsos cognatos, skimming, scanning e reading for detailed comprehension*.

Resultados e Discussão

Considerando a proposta do nosso trabalho que consistiu em utilizar o uso das tecnologias a favor do ensino de língua inglesa, requisitamos a criação do *Perfil de Facebook* como produto final da sequência didática. Pois, nas aulas abordamos assuntos do interesse de uma classe, com faixas etárias bem diversificadas.

A sequencia didática foi desenvolvida em dez encontros onde trabalhamos gêneros como charges, biografias, notícias, e etc, incluindo, além das estratégias de leitura, os seguintes conteúdos: *personal pronouns; negative form; interrogative words e affirmative form*.

Sabendo da importância do ensino pautado nos gêneros textuais, criamos estratégias que favorecessem o seu estudo nas escolas. Nesta perspectiva, encontramos subsídio nos estudos do grupo de Genebra, formado pelos pesquisadores como Noverraz, Shneuwly e Dolz que constroem as sequências didáticas (doravante SD), concebidas como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. (2004, p. 97). De tal maneira, através do trabalho com a SD os alunos desenvolvem as competências linguísticas e discursivas de maneira gradativa, observando sua evolução em contextos de produção orais ou escritos.

Uma das grandes contribuições desta teoria para o ensino de línguas é em relação ao trabalho com a escrita, pois,

A ideia central é a de que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores. (MARCUSCHI, 2008, p. 213).

Seguindo o entendimento de Marcuschi (2008), trabalhamos com textos que fazem parte do contexto dos discentes, ou melhor, textos que tenham relevância para a vida do aluno na sociedade. Desta maneira, recorreremos ao estudo dos gêneros que circulam o meio virtual, dentre eles, como produto final, produziremos perfis individuais de *Facebook*.

Iniciamos nosso primeiro encontro com a leitura de uma charge por título *Vintage Social Networking*, em que buscamos observar as dificuldades dos alunos diante da leitura do texto. Em primeiro instante, deixamos os alunos a vontade para fazerem a leitura prévia e conversarem com os colegas sobre o que entenderam da charge.

Observando a dificuldade de leitura, em especial a dos alunos com faixa etária de vinte à cinquenta anos, passamos a entender que a leitura deve ser o ponto de partida para o desenvolvimento cognitivo, para a obtenção de conhecimentos vários. A leitura deve ser estimulada ao alunado e o trabalho com o desenvolvimento da capacidade de construção de sentido dos textos também, formando desse modo um leitor proficiente que consiga extrair e atribuir significados do/ao texto, pois como afirma Antunes,

O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor, pois está em todo material linguístico o que constitui e

em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. (ANTUNES, 2003,p.78)

Precisamos valorizar e optar para a reflexão do aluno, partindo do ensino normativo para um ensino reflexivo. Para tanto, Kleiman (2006, p. 25) diz que “são as situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividade que podem ser realizadas”, assim como “que tipo de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis”.

Persistimos na aula estabelecendo alguns minutos para que os alunos fizessem a leitura prévia, após esse tempo, perguntamos a eles do que se tratava a imagem. Os alunos demonstraram sentir dificuldades em entender a figura; alguns argumentaram que poderia ser uma mesa de um escritório, outros apenas não souberam explicar o que viam. A partir dessa primeira atividade oral, constatamos a dificuldade de leitura dos alunos.

Com nossa intervenção na conversação, os alunos demonstraram reconhecer na charge os objetos da mesa que se tratava de meios de comunicação que não estão tão em uso atualmente. Os discentes mais jovens prestaram mais atenção nas nomenclaturas que estavam escritas acima desses objetos e admitiram reconhecer tais nomes. No final do diálogo, eles concluíram que aqueles nomes se tratavam da nomenclatura das redes sociais que substituíram vários objetos daquela mesa, deixando a comunicação mais compacta.

Com isso, abrimos a conversação sobre as redes sociais, sempre fazendo ponte entre a concepção de tecnologia dos alunos mais adultos com as concepções dos mais jovens. Na aula debatemos sobre os benefícios das redes sociais e também os malefícios que o mau uso dela pode acarretar.

A partir da introdução sobre o tema, direcionamos os alunos para a compreensão da charge, questionando-os sobre a mensagem que aquela imagem estava passando para nós. Os alunos responderam de imediato que se tratava de uma imagem ilustrativa sobre a substituição dos recursos digitais em comparação dos que eram usados antigamente. Finalizamos a discussão na aula frisando a importância das estratégias de leitura.

Percebendo o nível de dificuldade de leitura dos alunos, e tendo como objetivo final a elaboração do perfil de *Facebook*, no segundo encontro da sequência didática, inserimos o contato com o gênero textual biografia, pois este gênero destaca um personagem e o centraliza em todo o seu enredo, facilitando assim a compreensão futura do *Facebook*, pois ambos destacam aspectos importantes da vida das pessoas, como idade, nome, cidade natal, e etc. Com isso, realizamos a leitura de uma curta biografia de Marck Zuckerberg , o criador do *Facebook*.

Durante esse momento, separamos a turma em duplas e trios. Cada grupo ficou responsável em ler uma parte do texto. Decidimos não contar do que se trata o assunto da leitura, dessa forma eles ficaram curiosos para saber do que tratava. Entregamos as folhas e explicamos que no final da aula, nós nos reuniremos e socializaremos o que cada um compreendeu da leitura. A partir desse primeiro contato com o texto escrito em língua inglesa, os alunos demonstraram não compreender o assunto do texto. Com isso, introduzimos algumas táticas de leitura, falamos das estratégias, embasados em Holden (2009), que as subdividem em: *Scanning*, *Skimming* e *Reading for detailed comprehension* e explicamos a funcionalidade de cada uma na compreensão do texto, e, por conseguinte, repetimos a leitura do mesmo texto.

Sobre o trabalho com a diversidade textual, temos a visão de Bakhtin, citado por Marcuschi (2008), que aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal. A distribuição da produção discursiva em gêneros tem como correlato a própria organização da sociedade, o que nos leva ao núcleo da perspectiva.

Neste contexto, vemos o quão importante o desenvolvimento de capacidades dos alunos quanto à interpretação de textos representativos nas mais variadas manifestações em que atua a linguagem. Notamos também sua importância quando observamos os frutos que um ensino reflexivo e sociointeracionista sobre o mundo virtual pode acrescentar à vida dos discentes, bem como a ampliação de conhecimentos no que tange aos seus saberes em julgar, confrontar, defender e explicar as ideias.

Continuando o trabalho com as estratégias de leitura, no sétimo momento, aplicamos dois textos de diferentes gêneros: a carta e a web mensagem. Tais textos serviram para a discussão e também para que os alunos percebessem a diferença entre ambos. Igualmente, ensinávamos que os alunos se familiarizassem com o perfil do *Facebook*, gênero que seria elaborado ao final da sequência. Após a leitura dos textos, pedimos para que os alunos respondessem a uma atividade que consistia na compreensão da mensagem dos dois textos. Aplicamos uma atividade antes da leitura do texto e outra após. Vejamos a primeira atividade antes da leitura. Frisamos que as respostas dos alunos foram transcritas *ipsi litteris*, nos Quadros 01, 02, 03 e 04.

Quadro 01: Entendimento do texto



Perguntas:	Respostas dos alunos:
O que você entendeu do texto 01 e do texto 02?	A-1 <i>o texto é um bilete e o outro é uma mensagem.</i>
	A -2- <i>O texto são uma mensage</i>
	A -3- <i>As mesnage</i>

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Quadro 02: Diferenças entre os textos

Qual a diferença entre os dois textos?	
	A-1 <i>não sei</i>
	A-2 <i>resposta em branco</i>
	A-3 <i>resposta em branco</i>

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Quadro 03: Identificação de palavras estudadas

Quais palavras você não entendeu?	
	A-1 <i>Giants, weather , rooting,,</i>
	A-2 <i>muitas</i>
	A-3 <i>resposta em branco</i>

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Quadro 04: Níveis de dificuldades

Observe a tabela e classifique seu nível de dificuldade em relação a leitura do texto:	
0 a 1- Muita dificuldade	A-1 2 a 3
2 a 3- Dificuldade razoável	A-2 0 a 1
4 a 5- Nenhuma dificuldade	A-3 0 a 1

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Analisando a primeira atividade dos alunos, observamos que eles encontraram muita dificuldade na leitura dos dois textos, mesmo sendo





gêneros conhecidos. Na pergunta sobre o que os alunos entenderam do texto, eles apenas responderam que se trata de uma mensagem, ou seja, fizeram a leitura da superfície do gênero, ou seja, da sua estrutura visual, e concluíram que naquele espaço haveria uma mensagem, porém, não souberam explicar o que essa mensagem queria dizer.

O aluno “A-1” foi o que chegou mais próximo de explicar do que poderia se tratar o conteúdo daqueles textos. O aluno reconheceu o gênero carta e também reconheceu o gênero web mensagem, ou seja, ele conseguiu fazer a diferenciação entre ambos, mas também não atendeu a expectativa da leitura do texto.

No segundo quadro, os alunos em sua maioria ocultaram as suas respostas. Não souberam diferenciar um texto do outro, em alguns momentos nota-se a indiferença pela atividade em deixar algumas questões em branco.

No terceiro quadro o aluno “A-1” mais uma vez mostrou seu esforço em responder a questão e os outros alunos simplesmente respondem afirmado que não sabem quais palavras não entenderam, demonstrando desinteresse pelos textos, apesar de serem gêneros reconhecidos por eles, só que estando escritos em uma língua em que eles ainda não dominam, não despertam curiosidade nem atenção. No quarto quadro observamos as dificuldades expressas em números. A maioria dos alunos alegou sentir muita dificuldade na compreensão do texto.

Com isso, prosseguimos as aulas com a releitura do texto, dessa vez, os auxiliamos com base na exposição das estratégias de leitura como “dicas” de compreender textos de língua inglesa. Exercitamos e auxiliamos os alunos passo a passo na compreensão de cada parte do texto, assim como no entendimento de cada função das estratégias.

A seguir apresentamos os Quadros de número 05, 06, 07 e 08. Eles dizem respeito à releitura das atividades, objeto de análise e reflexão com os alunos.

Quadro 05 : Releituras

Perguntas:	Respostas dos alunos:
O que você entendeu do texto 01 e do texto 02?	A-1 <i>No bilete tem uma pessoa na message tem duas pessoas.</i>
	A- 2 <i>A carta para o amigo. A mensagem do feciboke para o filme.</i>





	A- 3 <i>A mensagem e uma carta</i>
--	------------------------------------

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Quadro 06: Identificando outras diferenças entre os textos

Qual a diferença entre os dois textos?	
	A-1 <i>A carta não usa mais a mensagem usa mais</i>
	A-2 <i>uma pessoa e duas pessoa</i>
	A-3 <i>a carta demora pra chega</i>

FONTE: Caderno de registros do estagiário



Quadro 07: Sanando dificuldades

Quais palavras você não entendeu?	
	A-1 <i>pesquisei no dicionário</i>
	A-2 <i>doubt</i>
	A-3 <i>annoucementt</i>

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Quadro 08: Níveis de dificuldades de leitura

Observe a tabela e classifique seu nível de dificuldade em relação a leitura do texto:	
0 a 1- Muita dificuldade	A-1 2 a 3
2 a 3- Dificuldade razoável	A-2 2a 3
4 a 5- Nenhuma dificuldade	A-3 2 a 3

FONTE: Caderno de registros do estagiário

Finalizada a atividade e recolhendo os dados, constatamos uma progressão na compreensão de leitura dos discentes, a começar pelo quinto quadro, quando eles afirmam que há dois gêneros presentes e ainda diferenciam peculiaridades entre eles. Informações como “no bilete tem uma pessoa na mensagem tem duas



peças”, “a carta para o amigo. A mensagem do Facebook para o filme”, “a mensagem e uma carta”, reforçam a ideia de que os discentes progrediram no contato com a língua inglesa. Apesar de ser um dos primeiros contatos através das estratégias de leitura, eles conseguiram entender o sentido do texto sem mesmo dominar por completo a língua estrangeira. Essa atividade os deixou mais satisfeitos, empolgados e com auto estima elevada.

No sexto quadro, eles já mostraram mais aprofundamento no gênero em afirmarem que a carta demora a chegar ao destino, deixando subtender que a mensagem como nova tecnologia é muito mais rápida.

No sétimo quadro, o “A-1” menciona o dicionário como importante subsídio para tirar dúvidas em relação a tradução das palavras e os outros alunos que nos quadros anteriores não estavam interagindo, já inseriram as palavras que não entenderam.

No último quadro, encontramos um avanço significativo na autoavaliação dos alunos, esses números comprovam que o trabalho pautado em gêneros e no auxílio das estratégias de leitura em muito contribuem para a facilitação da compreensão da língua inglesa, em especial, no primeiro contato com a mesma em sala de aula.

Conclusão

Vivenciar a experiência de ensino na Educação de Jovens e Adultos tornou nossa prática pedagógica ainda mais importante, na medida em que nos dispusemos a refletir sobre as necessidades dos alunos, pois preparamos um conteúdo mais atrativo para pessoas que precisavam ser atraídas de novo para o mundo da educação.

O desafio foi e sempre será aliar a teoria à prática, pois estudamos os Gêneros Textuais como textos que estão veiculados na nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos. Com a vivência escolar, bem como os resultados temporariamente obtidos, inferimos que o trabalho com os gêneros textuais deve ser contínuo em sala de aula, pois estes proporcionam o ensino da língua em situações reais de uso.

Com todo o aporte teórico recebido, como futuros professores, subentendemos que precisamos encontrar meios para que nossos alunos possam perceber que no texto encontramos e deixamos um pouco da nossa essência no momento em que lemos, falamos ou escrevemos. E por o texto possuir tanta vivacidade, é necessário que haja um meio dele se dispor a nós de forma palpável para que possamos analisá-lo. É nesse ponto do caminho que nos encontramos com os gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria De Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio.** Volume 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006.

DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral para o escrito: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95 – 128.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

HOLDEN, Susan. **O ensino de língua inglesa nos dias atuais.** São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.